

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS



HOMENS QUE ARDEM EM CARIDADE

Chamados a viver a nossa vocação missionária, hoje

DECLARAÇÃO DO XXIV CAPÍTULO GERAL

Roma - 2009

INTRODUÇÃO

Queridos irmãos:

No final do XXIV Capítulo Geral, colocamos nas vossas mãos este documento, que é uma síntese do discernimento efectuado, desde o início, por cada uma das comunidades claretianas. Como é do conhecimento geral, há cerca de ano e meio que palmilhámos um percurso que veio agora desaguar no Capítulo Geral, centrado numa pergunta que revelava a nossa vontade de ser fiéis ao sonho missionário de Claret: *Como viver, hoje, a nossa vocação missionária?*

A celebração do bicentenário do nascimento do P. Fundador tinha despertado em todos uma renovada consciência da nossa identidade e sentíamos o desejo de a viver e manifestar de uma forma nova, para que continuasse a ser vital e se tornasse portadora de vida para muitos.

No centro da reflexão capitular, situou-se a “definição do missionário”, que condensa a resposta vocacional do P. Fundador. Partindo dessa óptica, contemplámos o mundo, a Igreja e a Congregação, procurando descobrir os apelos que Deus nos dirige, na hora actual. Ao tomá-la como ponto de referência, apontámos as prioridades para os próximos anos e as propostas que as devem tornar operativas.

Com que intensidade sentimos, dentro de cada um de nós, o fogo da caridade que, “ao abrasar os nossos corações”, nos incita a “inflamar o mundo inteiro no fogo do divino amor”? O que é que nos faz falta para alimentar a chama desse fogo e para o transmitir às novas gerações claretianas? São interrogações que lançámos a nós mesmos, no decurso do Capítulo. Para captar o fio condutor que norteia este documento capitular, é necessário não esquecer as perguntas que estão na base da nossa reflexão. Só assumiremos como nossas as prioridades que o Capítulo define para os próximos anos, se lançarmos a nós próprios, a nível pessoal e comunitário, estas mesmas questões.

A experiência capitular converteu-se para nós num convite veemente a viver, com renovado entusiasmo, a vocação missionária claretiana. Fazemos votos que possais encontrar também nestas páginas um forte estímulo para serdes plenamente fiéis à mesma.

I

OS APELOS DE DEUS

NO NOSSO MUNDO

1. Como “homens que ardem em caridade”, nós, Missionários Claretianos, percebemos bem a tensão existente, no nosso mundo, entre luzes e sombras. Como cristãos, acreditamos na centralidade da pessoa, criada por Deus por amor e para o amor (cf. *CdIC* 358). Todos, homens e mulheres, partilhamos a mesma origem, destino e missão (cf. *CdIC* 360). A humanidade - juntamente com a criação inteira – constitui uma unidade que atinge o seu fim último em Jesus Cristo: n’Ele e através d’Ele. É n’Ele que radica a dignidade de cada ser humano e a razão de ser da sua existência. O seu Evangelho apela à solidariedade e ao amor (cf. *SRS* 38). O nosso maior desafio consiste em viver como irmãos e em cuidar bem do planeta que serve de nossa casa.
2. Alguns problemas prementes que verificamos no mundo actual e que afectam a nossa vida dão-nos uma ideia dos *enormes desafios* que hoje a humanidade está a enfrentar. Muitos grupos, e a diversos níveis (local, nacional, internacional), tentam encontrar resposta para estas questões. O Capítulo Geral decidiu abordar apenas dez delas, tendo em conta as repercussões que têm na vida e missão da Congregação, chamando a atenção para os seus aspectos positivos e negativos.
 - a) *A defesa da vida.* Uma das asserções mais relevantes da Revelação é apresentar a vida como um dom (cf. *Jo* 10,10). Como evangelizadores, estamos chamados a empenhar-nos na defesa da vida e a fomentá-la até que ela consiga atingir a sua plenitude. Hoje, porém, assistimos a uma espiral de violência, em todos os âmbitos da vida social: nas escolas e nas famílias, na difusão do aborto, eutanásia e tráfico de pessoas, armas e drogas, no terrorismo internacional e de estado, etc. Alguns grupos reagem a estas situações, provocando mais violência, que vai incidir muitas vezes sobre pessoas e grupos inocentes. Alguns claretianos conhecem por experiência própria as trágicas consequências do terrorismo e das guerras, que encontram o banco de ensaio nos conflitos étnicos, religiosos, políticos, sociais e económicos ainda por resolver. *A violência contra o ser humano constitui uma afronta ao plano de Deus e incita-nos, como servidores do Evangelho da vida, a levantar a nossa voz profeticamente contra esta “cultura de violência e de morte” e a permanecer ao lado dos que lutam pelos valores da paz e da vida.*
 - b) *O diálogo ecuménico e inter-religioso.* Aumentou consideravelmente a consciência da sua importância. Não obstante tudo isso, continuam a abundar os problemas relacionados com a falta de liberdade religiosa, os fundamentalismos, os conflitos religiosos e as tensões existentes entre religiões oriundas de um lugar e outras que são consideradas importadas. Nalgumas zonas do globo, constata-se uma hostilidade patente contra o fenómeno religioso e contra o saudável contributo que ele aporta à vida social. *Esta situação constitui um desafio iniludível para nós, que estamos chamados a apresentar a religião como um caminho de reconciliação para a humanidade e a empenhar-nos decididamente no diálogo entre religiões.*

- c) *A atenção prestada às famílias e às novas gerações.* A família continua a desempenhar um papel fundamental na transmissão dos valores e na formação das pessoas. Contudo, estão a verificar-se nela mudanças verdadeiramente notáveis. O divórcio, as famílias monoparentais, a diminuição dos compromissos por toda a vida, a extensão das uniões entre pessoas do mesmo sexo, são fenómenos que põem em questão a estrutura básica da sociedade. Nos países em via de desenvolvimento, a maioria da população é formada por jovens. As novas gerações andam à procura de sentido, num mundo que os considera mais como consumidores do que construtores do futuro. *Sentimo-nos chamados a prestar mais atenção aos valores que os jovens nos podem proporcionar e a responder com criatividade às necessidades das famílias e das novas gerações.*
- d) *A economia solidária.* O nosso mundo é rico em recursos naturais, mas que estão repartidos de forma desigual. A crise económica, em que estamos mergulhados, confirmou a necessidade de uma economia mundialmente solidária, uma visão ética da vida económica e a utilização responsável dos bens e recursos. Em quase toda a parte, a crise está a traduzir-se na perda de milhões de empregos e no aumento do preço dos bens de primeira necessidade, sobretudo para pobres e trabalhadores. Isso fez disparar o número daqueles que passam fome e dos que são levados ao suicídio, nalguns tipos de sociedade.¹ *Estamos todos chamados a promover uma economia subordinada ao bem das pessoas, que tenha mais em conta a justiça; e a interessar-nos mais pela economia solidária como alternativa que valorize o desenvolvimento sustentado, acredite na transformação social e lute contra a exclusão dos mais indefesos da sociedade.*
- e) *A opção pelos pobres e excluídos.* Muitos grupos, religiosos e não religiosos, trabalham, a todos os níveis sociais, por combater as situações de pobreza não desejada. Mas o número dos empobrecidos aumenta cada dia², inclusive nos países mais desenvolvidos, em que há cada vez mais pessoas a viver abaixo do escalão mínimo da pobreza. A maioria das pessoas que enfrentam essa situação são mulheres e crianças. Muitas vezes nem sequer usufruem de identidade social. *Do nosso lado, somos chamados a tratá-los pelo seu verdadeiro nome, a viver e a trabalhar tanto em zonas urbanas esquecidas e marginalizadas, onde milhares de pessoas não vêem reconhecidas as suas condições de vida, como ainda em extensas áreas rurais, onde os pobres são explorados e afastados dos planos de desenvolvimento nacional e vêem postergados os seus direitos humanos fundamentais.*
- f) *A solidariedade com os migrantes.* O fluxo de pessoas entre países pode trazer benefícios ao desenvolvimento económico e cultural de muitas sociedades.

¹ Cf. Segundo Bento XVI, é “um imperativo ético para a Igreja universal” aumentar o empenhamento na erradicação da fome no mundo, que depende muito mais da carência de recursos sociais do que dos alimentos. “É necessário – declara o Papa – que aumente a consciência solidária e que a alimentação e o acesso à água sejam considerados como direitos universais de todo o ser humano, sem distinções nem discriminações de qualquer ordem” (*Caridade na Verdade*, n. 27).

² De acordo com as estimativas do Banco Mundial, realizadas em 2008, 1.400 milhões de habitantes dos países em vias de desenvolvimento viviam, em 2005, em situação de extrema pobreza (Anup Shah, *Poverty around the World*: www.Globalissues.org: 22 de Novembro de 2008).

Mas, concomitantemente, outros movimentos migratórios e deslocamentos há que não devem passar despercebidos: são as provocadas por fenômenos naturais, pela fome, pela falta de estabilidade política e econômica, etc. *Dar resposta às necessidades dos emigrantes e deslocados continua a ser uma das nossas maiores preocupações.*

- g) *O desafio da educação.* A educação é uma ferramenta fundamental ao serviço do desenvolvimento da pessoa e na superação de diversos males que afetam as nossas sociedades. Felizmente, em muitos recantos do globo, cada vez se reconhece mais o papel e a importância da educação. Mas frequentemente utiliza-se mais esta ajuda para a competição e benefícios pessoais do que a aquisição de valores. Pior ainda, em bastantes regiões do mundo, o acesso à educação continua a ser muito restrito. *Dada a importância de que se reveste a educação para o nosso trabalho missionário, consideramos esta situação como um desafio sério e muito relevante.*
- h) *A promoção da saúde.* Os avanços da medicina e das tecnologias da saúde melhoraram a qualidade de vida de muitas pessoas e permitiram-lhes viver durante mais tempo. Mas o acesso a estes recursos continua a ser um repto importante. O panorama actual é trágico: milhões de pessoas doentes, afectadas muitas vezes por moléstias facilmente curáveis, não têm acesso aos cuidados mais elementares. A maior parte destes enfermos são crianças. Mesmo em países que usufruem de riqueza econômica, há centenas de milhares de crianças que não beneficiam dessas atenções. Alguns claretianos têm tentado dar resposta a estas carências básicas, fomentando a abertura de dispensários e clínicas, ou recorrendo a terapias e medicinas alternativas. *Por outro lado, o progresso verificado nas tecnologias médicas e a bioética colocaram em cima da mesa importantes questões morais, a que é necessário discernir e dar resposta.*
- i) *O cuidado a ter com as coisas criadas.* Deus colocou a criação nas nossas mãos. É evidente que não a temos tratado muito bem. Como muitos contemporâneos nossos, tomamos cada vez mais consciência dos danos causados, por via da degradação da terra e da contaminação da água e do ar. Estamos a destruir o planeta e até a ameaçar o futuro da vida. Se não formos capazes de travar este suicídio planetário, tudo acabará na extinção da vida, tal como a conhecemos. Algumas opções apresentadas como alternativas, como é o caso dos agrocombustíveis ou biocombustíveis, correm o risco de agravar a crise alimentar no mundo³. Alguns dos nossos missionários conhecem bem as consequências das mudanças climáticas: fenômenos meteorológicos descontrolados, furacões, secas, ondas de calor, inundações, etc. *O nosso desafio principal consiste em convencermos-nos e em levar os demais a operar uma “conversão ecológica”⁴ e mantermo-nos fiéis à ela; uma conversão que torne a humanidade muito mais consciente de que é administradora da criação.*
- j) *As novas possibilidades da sociedade da informação.* Hoje, mais que nunca, o desenvolvimento tecnológico oferece-nos muitas possibilidades de comunicar. Mas estas tecnologias, que nos aproximam, podem provocar também isolamento e alienação. Sentimo-nos chamados a utilizar estes novos canais de comunicação para fazer chegar aos homens e mulheres de todo o mundo

³ Cf. Documentação da Assembleia Geral das Nações Unidas, 22 de Agosto de 2007.

⁴ JOÃO PAULO II, Audiência Geral de 17 de Janeiro de 2001.

uma mensagem profética de esperança, que chame a atenção para as injustiças que tantos sofrem. *E sentimos, por outro lado, um apelo especial a aproximarmo-nos dos jovens, usando os meios tecnológicos que estão ao nosso alcance e promovendo uma cultura de respeito, diálogo e amizade*⁵.

NA IGREJA

3. Sentimos também a forma como Deus nos chama, através da Igreja e do espírito do Concílio Vaticano II, a partilhar “as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens” (GS 1). Na Igreja actual, sentimo-nos chamados – ao lado de todos os cristãos – a ser discípulos e missionários, segundo a nossa forma peculiar de vida e o nosso estilo carismático próprio.
4. Entre os apelos que a Igreja nos dirige, através do seu Magistério (Sínodos, Conferência do Episcopado Latino-americano em Aparecida, etc.) e os acontecimentos (como os Encontros Mundiais da Juventude e da Família), o nosso Capítulo selecciona sete. Consideramos que a Igreja nos solicita hoje:
 - a) *Centrar-nos em Jesus Cristo*, “que é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Heb 13,8) e “remar, mar adentro”, dando um novo rosto – graças à imaginação da caridade – à nossa missão (cf. NMI 50).
 - b) *Renovar a compreensão e a vivência da virtude teológica da caridade*⁶, constitutiva da definição do missionário.
 - c) Fazer da *Eucaristia e da Palavra* a fonte da nossa espiritualidade e a força que nos projecta para a missão⁷.
 - d) Manter-se atentos a tudo *o que acontece nas diversas partes do nosso mundo* e da Igreja; e continuar disponíveis para lhes dar resposta, utilizando o critério missionário do “mais urgente, oportuno e eficaz”.
 - e) Deixar-se tocar pelo *testemunho evangelizador* dos que reforçam o trabalho da Igreja em favor da vida, da dignidade das pessoas, especialmente dos pobres e excluídos. Referimo-nos a grupos, movimentos, comunidades, famílias e pessoas, que vivem apaixonada e criativamente a sua fé e o seu serviço evangelizador, muitas vezes em situações extremamente difíceis e hostis.
 - f) Viver a nossa identidade carismática *em comunhão, co-responsabilidade e complementaridade* com outros carismas, ministérios e formas de vida; promovendo o papel do laicado, e, em especial, da mulher, na Igreja.
 - g) Localizar o nosso serviço missionário *nos lugares onde a descrença predomina*, onde a fé se encontra mais debilitada e os crentes não são tão bem atendidos.

⁵ BENTO XVI, *Mensagem para a 43ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, 2009: “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”. “Estas mudanças estão mais patentes entre os jovens que cresceram em íntimo contacto com estas novas técnicas de comunicação e que, portanto, se sentem mais à vontade ao lidar com o mundo digital”.

⁶ Cf. *Deus caritas est* (2005), *Spe salvi* (2007), *Sacramentum Caritatis* (2007), *Caritas in veritate* (2009).

⁷ A celebração dos Sínodos dos Bispos, que dissertaram sobre *A Eucaristia, fonte e vértice da vida e a missão da Igreja* (2005) e sobre *A Palavra de Deus na vida e missão da Igreja* (2008), interpelou-nos profundamente.

5. Para nos tornarmos credíveis e significativos, a Igreja do nosso tempo exige que reconheçamos as nossas limitações e pecados, quando:
 - a) Beneficiados com a Palavra de Deus e enviados a anunciá-la, a transmitimos sem a meditar, a orar e a personalizar suficientemente, e sem apresentar uma palavra credível e eficaz à sociedade contemporânea.
 - b) Enviados a anunciar a boa notícia, a curar os doentes, a transmitir esperança aos que não descobrem sentido na vida, somos nós a evidenciar uma crise de fé e de esperança e a revelar-nos espiritualmente doentes.
 - c) Ao celebrar os Sacramentos da Aliança de Deus com o mundo, deixamo-nos levar muitas vezes pelo ritualismo, pela rotina e pela falta de mística; então, os actos religiosos convertem-se em funções meramente repetitivas e alienantes.
 - d) Embora representemos, como missionários, o Único e Bom Pastor, não tornamos transparente a sua presença na nossa vida: somos guias cegos ou pastores mercenários, que escandalizam “os pequenos” (como acontece no caso dos abusos sexuais, por parte do clero ou dos religiosos), ou abandonamos e recuamos perante as dificuldades pastorais.
 - e) Chamados por Jesus à unidade, “para que o mundo acredite”, excluímos do nosso coração alguns irmãos, negamo-nos a participar no diálogo da comunidade que nos apoia e corrige, e não pomos em comum os nossos bens espirituais e materiais.
6. Há chamadas de atenção que procedem da vida consagrada, de que fazemos parte.
 - a) Configurar a nossa forma de vida como “paixão por Cristo – paixão pela humanidade”, partindo dos dois ícones evangélicos da Samaritana e do Samaritano, símbolos da sede de Deus e da misericórdia entranhável para com os excluídos, os que sofrem violência e os pobres, como sugeriu o Congresso Mundial da Vida Consagrada (2004).
 - b) Seguir o exemplo dos institutos, comunidades e pessoas que enveredam, em clima de missão partilhada, por novos projectos de evangelização, de luta pela justiça e atenção às coisas criadas, e pelo diálogo inter-religioso.
 - c) Assumir a tensão que advém da falta de consideração, e até de desconfiança, pela vida consagrada⁸. Sentimo-nos chamados a colaborar com os bispos diocesanos, continuando fiéis, ao mesmo tempo, ao nosso carisma e à nossa função profética na Igreja.

NA CONGREGAÇÃO

7. Os últimos anos constituíram um tempo de graça, que agradecemos ao Senhor. Na vida da Congregação, são mais os aspectos positivos do que aqueles que produzem dor e tristeza. Nem tudo o que vivemos e tentamos revela santidade, vitalidade comunitária, audácia e doação apostólicas, mas acreditamos que o Senhor revela a sua força na nossa debilidade (cf. VC 20; CC 51, 53) e *sentimo-*

⁸ “Não podemos deixar passar em claro que, às vezes, a vida consagrada não é tida na devida consideração, e que se nota inclusivamente, até, uma certa desconfiança, a seu respeito” (CdC, 12).

nos convocados pelo Espírito a continuar a dar a vida pelo Reino. Sublinhamos, em seguida, alguns apelos que sentimos com maior intensidade.

Chamados a consolidar a dimensão teológica da nossa vida

8. Escolhidos para ser ouvintes e servidores da Palavra, estamos convencidos de que a vida no Espírito deve ocupar o lugar cimeiro no nosso estilo de vida (cf. VC 93). Daí que tenhamos tentado cultivar, durante estes anos, a nossa vocação missionária, em fidelidade às raízes evangélicas e carismáticas expressas nas Constituições (cf. PTV 48). Entre as muitas iniciativas levadas a cabo nas últimas décadas, a celebração do Bicentenário do nascimento de Santo António Maria Claret conferiu um impulso particularmente intenso à vida da Congregação.
9. Também na hora presente, seguindo o teor das nossas Constituições e as orientações dos últimos Capítulos Gerais, cresceu entre nós a estima pela Palavra de Deus e pela sua escuta. Caminhar lado a lado com pessoas e povos, sobretudo com os mais pobres, tem sido para nós uma profunda fonte de revitalização espiritual. Hoje, muitos Claretianos, de todas as procedências culturais, idades e contextos de missão, mostram um veemente desejo de crescer no Espírito, cultivando com entusiasmo – entre tantas dificuldades – uma resposta generosa à vocação que receberam.
10. Desde 1849 que muitos irmãos encarnaram em si o ideal proposto por Claret e são uma referência e um estímulo para nós, no caminho da santidade. São inúmeros os que habitam hoje as nossas comunidades, dando exemplo de grande qualidade de vida humana e espiritual e doando-se diária e totalmente àqueles a quem foram enviados. Outros finalizaram já a sua caminhada neste mundo e a sua memória consolida e cimenta o nosso compromisso pessoal. Em 2005 vivemos, com grande alegria, a beatificação do P. André Solá, cujo exemplo nos estimula a levar o envio missionário até às últimas consequências.
11. Não obstante tudo isso, verificam-se, em muitos de nós, sintomas de desânimo, mediocridade espiritual e falta de entusiasmo vocacional e missionário. Nota-se frequentemente que é difícil criar espaços significativos para a oração pessoal, para a leitura orante da Palavra e para o estudo profundo da realidade, à luz da fé; não aproveitamos devidamente o dinamismo espiritual que a liturgia nos oferece, esquecemos a primazia do Pai e do seu Reino, assumimos estilos cómodos de vida e afastamo-nos das grandes causas da Igreja e do mundo, sem testemunharmos o valor da perseverança, da partilha, da cruz e da renúncia. O número dos que deixam a Congregação ou não se incorporam nela após a experiência inicial, *convida-nos a intensificar a dimensão teológica da nossa vida e a reforçar o sentido da pertença congregacional, aproveitando tempos e modos de aprofundar a experiência de fé e o envio missionário que temos em comum.*

Chamados a viver em formação constante

12. A globalização, as transformações mundiais e as suas consequências condicionam-nos para o bem e para o mal. Às vezes, esquecemo-nos ingenuamente de que somos frágeis e descuidamos a vigilância (cf. Mt 24, 42-44; Mc 13, 38; CC 53). Hoje, os subsídios oferecidos pela formação inicial, de todo imprescindíveis, não são bastantes para nos ajudar a viver “firme e constantemente unidos a Cristo” (CC 73). Dizer que O seguimos e que somos consagrados implica “ter consciência de que a formação nunca mais acaba” (CdC 15). *Sentimos, pois, um chamamento intenso, apoiado pela Igreja, a conceder à*

formação constante uma prioridade fundamental: nenhuma idade ou circunstância da vida justificam que nos consideremos totalmente convertidos (cf. VC 69).

13. Também neste sector da nossa vida há um painel de luzes e sombras. Após a experiência de graça que decorreu da renovação pós-conciliar da Congregação e que foi recolhida no *Plano Geral de Formação*, envidou-se um esforço notável por erigir processos de formação – inicial e permanente - revitalizadores e dinamizadores: tornaram-se mais ricas as etapas formativas, aumentaram auspiciosamente os centros interculturais, articularam-se melhor os programas de diversos noviciados, e muitos Claretianos conseguiram descobrir novos e enriquecedores estímulos formativos, na missão que partilham com os demais.
14. Mas há factos que nos levam a estar de prevenção: muitas iniciativas formativas não atingem o efeito desejado; tendemos a desaproveitar as oportunidades que a vida quotidiana nos proporciona neste campo (cf. CdC 15) e, às vezes, aferramo-nos a métodos e a instrumentos apostólicos inadequados. O desmazelo verificado em muitas bibliotecas comunitárias e a ausência de planos de especialização, detectada em bastantes Organismos, indiciam algo de grave. *Sentimo-nos chamados a articular melhor as mediações formativas que nos façam viver a vocação com mais entusiasmo e generosidade, consolidem a nossa pertença congregacional, nos ajudem a apresentar serviços missionários à altura dos tempos actuais, mais criativos e eficazes, e que revelem a importância do estudo na vida do Missionário (cf. CC 56).*
15. Por outro lado, nem sempre é fácil *encontrar pessoas preparadas e dispostas a desempenhar as tarefas da formação inicial*. Agradecemos o esforço e a dedicação dos irmãos que se dedicam a este sector. Muitas vezes, porém, a falta de preparação específica, as mudanças frequentes de destino e a necessidade de levarem a cabo outros trabalhos dificultam o seu empenhamento e o acompanhamento eficaz dos formandos. Estes indicadores espelham um problema de prioridades, nas pessoas e nos Organismos, que requer uma resposta eficaz.

Chamados a comprometer-nos de novo com a comunidade

16. Fazendo apelo à prioridade dada por Jesus ao amor fraterno (cf. Jo 13, 34-35; Mt 25, 40), a Igreja insiste no facto de a vida fraterna em comunidade constituir a nossa primeira palavra missionária (cf. EN 21; VFC 54; EMP 28). Somos resultado de uma graça que nos congrega para o anúncio missionário da Palavra, e que não foi entregue para ser vivida à margem dos outros. Por isso, “a primeira e a principal pertença do claretiano tem de ser a sua profunda comunhão com os irmãos, chamados e enviados, como ele, a serem testemunhas e proclamadores da Boa Nova” (MCH 133). “Primeira”, “principal”, “profunda” são palavras bem sublinhadas e explícitas. Mas são também notórias a insistência no individualismo e as concepções à margem do Evangelho, como a procura obsessiva da felicidade e da realização pessoal, e a preocupação pelo que se refere à nossa esfera privada, tão visível nas sociedades actuais. *Sentimo-nos hoje chamados a renovar a aliança, que nos refaz como comunidade, a tecer e a estreitar os laços que nos convertem em família, pois estamos unidos num só corpo.*
17. Alguns descuidam provavelmente esta dimensão importante da nossa vocação. Mas muitos Missionários há que constroem cada dia a comunidade, com espírito sincero, aberto e transparente; que põem em prática os projectos comuns da missão e esquecem os pessoais; que perdoam, acolhem e se dedicam ao que é diferente e mostram uma caridade autêntica (cf. CC 10-19). A Congregação, como

tal, e muitas comunidades representam verdadeiramente um encontro evangélico de povos, etnias, gerações e culturas. As nossas casas costumam primar pelo acolhimento e pelo espírito de família. A atenção que prestamos aos anciãos e aos doentes causa estupefacção em muitos. Muitas comunidades promoveram o discernimento e a busca em conjunto da vontade de Deus, mas outras há que o não praticam. Os esforços por fazer dos superiores locais autênticos animadores da vida fraterna causam ainda alguns engulhos. A resistência em passar do “eu ao nós” afecta significativamente e negativamente as nossas opções, no sector do serviço das Igrejas particulares e da missão partilhada. *Sentimos, pois, um gritante apelo a deixar o homem velho, que tende a fechar-se sobre si próprio e sobre as suas coisas, e a revestir-nos do homem novo, que se dedica totalmente aos seus irmãos e aos interesses do Reino* (cf. VFC 21; 39).

Chamados a convidar os demais a serem fiéis à vocação

18. Primeiro que tudo, damos graças ao Senhor por quantos se incorporaram na Congregação, ao longo destes anos, e pela ressonância do espírito de Claret no interior da Igreja. Talvez nunca, como hoje, haja tantos crentes que se declarem seguidores da sua figura e desejem, como ele, viver e anunciar o Evangelho, utilizando todos os meios possíveis. Este sexénio contou com um número de primeiras profissões e ordenações mais abundante do que nos dois anteriores⁹; a Congregação floresce em locais onde há bem pouco não estava implantada, e muitos Missionários e agentes laicais aparecem como sinais que nos animam a dedicar-nos ao nosso compromisso pessoal e comunitário, na linha da pastoral vocacional.
19. Mas subsistem também motivos de preocupação: nalgumas zonas onde a Congregação está sediada há muito, está a custar aproximar o Evangelho dos jovens, e escasseiam os candidatos à vida missionária. Noutras, que eram mais férteis vocacionalmente nos últimos anos, o seu número diminuiu consideravelmente. Em bastantes comunidades, ninguém se responsabiliza expressamente pelo sector da pastoral vocacional, ou o titular não se consagra, de alma e coração, a tal tarefa. No conjunto da Congregação, o número dos noviços diminuiu, nos dois últimos anos. Os Missionários Irmãos estão em decréscimo, há vários anos e, nalguns Organismos, deixaram mesmo de existir. As razões podem ser de várias ordens: o desconhecimento da nossa história, a clericalização excessiva do Instituto, a supressão da vida consagrada como elemento constitutivo da nossa vocação, as imagens distorcidas da consagração laical, diversos factores culturais, etc.¹⁰. O aparente desinteresse dos jovens pela vocação do Missionário Irmão interpela-nos fortemente e convida-nos a fazer uma reflexão profunda. Sabemos que a vocação é um mistério, mas *auscultamos um intenso chamamento do Espírito a questionar o nosso modo de viver, a capacidade de convocar e de acolher das nossas comunidades e a preparação e disponibilidade para criarmos uma cultura vocacional*. Não nos aproximamos devidamente dos jovens nem nos mostramos disponíveis para os acompanhar como merecem e precisam. *Sentimo-nos chamados – todos e cada um – a empenhar-nos mais decididamente nesta*

⁹ Entre 1991 e 1996, realizaram-se 480 primeiras profissões e 320 ordenações sacerdotais. De 1997 a 2002, aconteceram 664 e 300, respectivamente. De 2003 a 2008, houve 669 e 327. O número de noviços, contudo, não é superior: passou de 623 a 803 e voltou, depois, a 695.

¹⁰ Cf. AQUILINO BOCOS, *Os Missionários Irmãos: um desafio para a vida e missão da Congregação*, Roma 1997, pp. 10-13.

tarefa: o Reino necessita de servidores, e a Palavra, de ministros (cf. Mt 9, 38; CC 58).

Chamados a trabalhar apostolicamente, de uma forma renovada

20. Identificar a nossa missão com os trabalhos apostólicos é perigoso e teologicamente errado. Convidados a colocar a missão no coração e a trasladar este para a missão, nós nascemos para viver, testemunhar e anunciar o Evangelho, e não apenas para efectuar trabalhos apostólicos, embora estes possuam um valor incalculável. *Hoje, sentimo-nos chamados, como Claret, a “orar, trabalhar e sofrer”, a fazer com que a qualidade da nossa vida pessoal e comunitária reforce o anúncio do Reino, de que as nossas actividades apostólicas são uma amostra.*
21. A Congregação revela-se hoje extraordinariamente viva, a nível apostólico: redefiniu as linhas mestras da sua acção missionária, e o seu rosto apostólico está transformado. A revisão das opções e as prioridades, estilos e posições, bem como a sua implantação geográfica e cultural exibem uma enorme vitalidade. Nestes seis últimos anos, trabalhamos e seguimos as prioridades definidas pelo XXIII Capítulo Geral, embora com resultados variados, através da missão partilhada, do diálogo, da preocupação pela transmissão da fé, da solidariedade com os pobres, com os excluídos socialmente e ameaçados no direito à vida, etc. Muitos irmãos consolidaram o seu empenhamento e abriram novas frentes, em prol dos pobres e excluídos, emigrantes e deslocados, infância e juventude, formação de evangelizadores, luta pela Justiça, Paz e Integridade da Criação, educação, evangelização da cultura, pastoral bíblica, animação missionária e solidariedade com as nossas missões, utilização dos meios de comunicação social e uso evangelizador das novas tecnologias. Mas ficou ainda muita coisa por fazer.
22. Algumas preocupações aparecem com nitidez neste processo capitular: Estaremos a dar demasiada importância ao serviço pastoral com estruturas estáveis, em detrimento de mediações que manifestam melhor a itinerância missionária e que talvez respondam, de forma mais criativa, às necessidades de hoje? Porque é que contamos ainda com tão poucas equipas pastorais especializadas e nos custa tanto trabalhar em equipa? Não terão proliferado demasiado, no terreno, as iniciativas apostólicas, sem o suficiente discernimento comunitário? A diversidade apostólica é uma riqueza; a dispersão, um perigo, sobretudo se se fica a dever à primazia dos interesses pessoais sobre os projectos comuns, ao comodismo ou à falta de criatividade e audácia missionária. Aconselhados pelas Constituições (cf. CC 48) a lançar mão da intuição, da disponibilidade e da catolicidade, *sentimo-nos chamados a discernir que estilos, ministérios, posições e compromissos devemos seleccionar, e que projectos temos de levar a cabo em conjunto. A mesma intuição nos exorta a colaborar e a trabalhar com os demais, organizando redes e sentindo-nos Igreja (cf. CC 6, 46), colocando mais empenho na missão partilhada, que é o nosso modo normal de exercer a missão (cf. PTV 37).*

Chamados a prosseguir na revisão periódica da nossa organização

23. A nossa organização tem por objectivo fazer com que a Congregação esteja permanentemente disposta para servir a Igreja e a humanidade (cf. CC 136). O último Capítulo Geral, na sequência dos apelos anteriores da Congregação (cf. EMP 51-56), decidiu enveredar por uma configuração mais equilibrada e eficaz dos nossos Organismos (cf. PTV 26). Desde então, foram criadas várias Províncias e

Delegações, tentando dar uma resposta mais consentânea aos desafios missionários: Indonésia-Timor Leste (2005), África Central (2005), Santiago (2007), Nordeste da Índia (2007), Nigéria Ocidental (2007), Brasil (2008). Outros processos de reorganização continuam em aberto, em diversas regiões.

24. Apesar das naturais resistências à mudança, os processos estão a pautar-se pela preocupação missionária, realismo, participação e disponibilidade generosa das pessoas e Organismos implicados. Durante estes anos, além disso, muitos irmãos – entre eles um considerável número de jovens missionários – decidiram aceitar destinos extraprovinciais, e intensificou-se a colaboração entre Organismos em diversas áreas. Mas constatamos também que, não obstante o peso que têm as Conferências Interprovinciais, estas não exercem a influência dinamizadora e coordenadora que esperávamos. Tão-pouco conseguimos inculturar-nos, como devia ser, em muitos lugares e contextos. *Sentimos, pois, um apelo urgente a possuir uma visão mais universal – que não tenha em conta, apenas, os nossos Organismos –, e continuar a discernir, a partir da avaliação dos processos realizados, para que a organização responda melhor aos desafios da missão.*

Chamados a instalar a comunhão no novo modelo económico

25. O mundo está a atravessar uma profunda crise económica, que afecta sobretudo – como sempre – os mais pobres. Apesar disso, a Congregação conseguiu superar algumas dificuldades detectadas há anos. Em geral, a situação patrimonial dos Organismos melhorou e a Administração Geral, graças à boa organização e gestão, enfrenta o futuro com relativa tranquilidade. Aumentou a comunicação de bens entre Organismos, embora alguns pudessem mostrar-se mais generosos. A Congregação dispõe de recursos, mas o seu aproveitamento poderia ser mais satisfatório: é urgente coordenar a sua rentabilidade, em benefício de todos. Um abonado número de claretianos e comunidades partilha grande parte da sua vida e dos seus recursos com os pobres, mas continuam a detectar-se entre nós casos de falta de transparência económica, práticas incoerentes com a pobreza evangélica e a solidariedade. O espírito de trabalho, a austeridade e a transparência, tão arraigadas na nossa tradição, continuam a ser deveras importantes. Todos influímos na economia da Congregação, através da nossa fidelidade à pobreza que professamos e à comunicação de bens que veiculamos na própria comunidade.
26. A Congregação necessita de encontrar pessoas preparadas e dispostas a servir os irmãos, como ecónomos (cf. *Dir* 550; *PTV* 62). Apesar de se terem levado a cabo algumas iniciativas formativas neste sentido, o seu resultado e eco foram bastante escassos. Alguns Organismos e comunidades aproveitam a ajuda de leigos especializados neste sector, numa dinâmica que vale a pena ser continuada.
27. Felizmente, as nossas comunidades e obras apostólicas cresceram muito nalgumas regiões, sobretudo na África e na Ásia. Para manter essas presenças missionárias, necessitamos de intensificar a colaboração congregacional, a comunhão de bens, a coordenação na exploração de recursos, e avançar com projectos de auto-financiamento, aconselhados pelos últimos Capítulos (cf. *EMP* 31; *PTV* 76; *Dir* 521). Muitos Organismos continuam a necessitar da ajuda económica do resto da Congregação. Por outro lado, algumas Províncias que até agora se caracterizavam pela capacidade obter fundos, e pela generosidade de os colocar à disposição de todos, não podem continuar a fazê-lo como dantes. Tudo isso condiciona a ajuda possível às missões, em zonas emergentes. *Sentimo-nos,*

portanto, chamados a procurar formas evangélicas e eficazes de obter recursos, de os coordenar e os partilhar, pautados sempre por critérios de justiça, ética e solidariedade, consonantes com o Evangelho e com a tradição da Congregação.

II

O FOGO QUE NOS ABRASA

28. É nosso propósito acolher e escutar os apelos de Deus, que auscultamos na situação que o mundo, a Igreja e a Congregação vivem. Por isso, o Capítulo intuiu o problema de como viver hoje a nossa vocação missionária, para melhor servir o Reino de Deus. Ao questionar-nos sobre a nossa identidade, não estamos à procura de uma nova definição. O Espírito – especialmente através dos capítulos gerais pós-conciliares e do magistério dos nossos superiores gerais – foi-nos dotando de um corpo doutrinal sólido e profundo. Mas são novos hoje muitos desafios e perguntas, e daí que as respostas tenham também de possuir um cariz de novidade (cf. GS 5; VC 98). As experiências do Espírito não servem apenas para ser conservadas, mas para ser aprofundadas e desenvolvidas, em docilidade à sua acção sempre nova e criadora (cf. CdC 20)¹¹. *Sentimos, pois, o apelo para redescobrir o significado da nossa vocação missionária, nesta nova moldura mundial, eclesial e congregacional.*
29. Nós somos, ante de mais, fruto de um dom de Deus, a quem queremos responder pessoal e comunitariamente. O Capítulo Geral de 1979 colocou-nos na perspectiva correcta: “Recuperar a nossa identidade claretiana, criar uma autêntica comunhão de vida e acção apostólica e atingir a verdadeira disponibilidade para a missão não é tarefa que se leve a cabo por decreto, nem por mera informação, nem sequer através do estudo, embora este se torne indispensável. Urge *situar-se* no centro da nossa experiência vocacional” (MCH 128). *Se escutarmos de novo o apelo de Deus e o deixarmos orientar a nossa experiência íntima, viveremos a nossa vocação com um entusiasmo e um sentido sempre renovados.*
30. Na história da salvação, muitas pessoas transmitiram-nos e exprimiram a sua vocação, através de relatos e símbolos. Claret condensou a sua e a dos seus companheiros na Definição do Missionário¹²: *“Um Filho do Imaculado Coração de Maria é um homem que arde em caridade. Que deseja eficazmente e procura por todos os meios inflamar o mundo inteiro no fogo do amor divino. Nada nem ninguém o trava. Goza nas privações, lança-se ao trabalho, abraça o sacrifício, compraz-se nas calúnias, alegra-se nos tormentos e gloria-se na cruz de Jesus Cristo. O seu único desejo é seguir e imitar Jesus Cristo em trabalhar, sofrer e procurar sempre e em tudo a maior glória de Deus e a salvação dos homens”*¹³.

¹¹ Entendemos neste sentido o significado do adjectivo “novo”, que aplicamos às seguintes palavras: nome, família, estilo, caminho e envio.

¹² De acordo com o *Directório*, podemos chamá-la indistintamente *definição*, *forma* ou *memorial* (cf. n. 35).

¹³ CC 9. Embora não haja provas documentais, o P. Jaime Clotet atesta que Claret a usou, por vez primeira, no mês de Julho de 1849, nos exercícios espirituais que orientou à Congregação nascente, “para nos entranhar no espírito apostólico de que ele estava possuído (cf. *Vida edificante del Padre Claret, misionero y fundador*, ed. J. Bermejo, Madrid PCL, 2000, p. 253). Conservamos duas versões distintas, escritas pelo próprio punho de Claret. A primeira (cf. EC II, 349-352) data de 20 de Agosto de 1861, seis dias antes de receber a graça mística da conservação das espécies sacramentais. A segunda, algo mais

Hoje, a referida Definição do Missionário é o botão de ouro da nossa *Constituição Fundamental* (cf. CC 9) e espelha a nossa identidade na Igreja¹⁴.

31. Esta Definição, que revela a nossa identidade missionária, constituiu, desde o início da Congregação, uma das sínteses mais bem conseguidas da nossa espiritualidade. Entregue por Claret ao P. Xifré, para que todos os Missionários a trouxessem consigo, foi venerada pelas primeiras gerações claretianas, o seu conteúdo inspirou os superiores gerais e serviu de mote a muitos textos importantes da Congregação, sobretudo formativos. Em 1888, ocupou um lugar charneira numa das primeiras páginas de formação dos noviços¹⁵; um século depois, constitui o frontispício do Plano Geral de Formação.
32. A fim de vivermos com mais entusiasmo o apelo a evangelizar, necessitamos de recordar quem somos e a quem pertencemos. Regressar à Definição do Missionário ajuda-nos a sacudir as cinzas da rotina e do cansaço, aviva as brasas da nossa vocação e restitui-nos o entusiasmo de que precisamos para “arder”, “abrasar” e “inflamar o mundo inteiro no fogo do amor divino”. A Definição do Missionário faz-nos atingir o cerne da verdadeira vida humana e cristã: o *amor*¹⁶.
33. Graças ao Espírito, reconhecemo-nos filhos e enviados (cf. *Rm* 8, 15; *Jo* 20,21-23). Este dom desperta-nos para a gratidão e habilita-nos para partilhar graciosamente o que de graça nos foi dado. Com a vocação, recebemos um novo nome (*identidade*), começámos a fazer parte de uma família carismática na Igreja (*pertença*), foi-nos entregue de presente um jeito de viver como “homens que ardem em caridade” (*espiritualidade*), foi-nos concedida a dádiva de fazer da nossa vida um itinerário de progressiva configuração com Cristo (*formação*) e somos enviados a inflamar o mundo inteiro no fogo do amor de Deus (*missão*). Muitos claretianos deram-se conta e estão conscientes de que esta vocação os encheu de felicidade e dá pleno sentido à sua vida.

sintética, foi a que inseriu na Autobiografia, ultimada em Maio de 1862, precisamente após a narração da fundação da Congregação (cf. *Aut* 494). Esta localização pode confirmar, de maneira indirecta, o testemunho do P. Clotet.

¹⁴ Bento XVI aludiu a esta definição em 2007, na Mensagem que nos dirigiu por ocasião do Bicentenário do nascimento de Claret, qualificando-a como um ‘programa de vida’ e um ‘auto-retrato da própria alma do Fundador’. Paulo VI comentou-a, no encontro com os membros do Capítulo Geral de 1973: “Contemplai, expressamente redigido para vós, um programa de santidade, fundado na valorosa renúncia a si mesmo, fruto da sua fecunda vitalidade apostólica. Aponta-vos, com clareza e com expressões de sabor e dinamismo paulinos, o objectivo para onde deve tender a vossa vida pessoal e comunitária: o seguimento e a imitação de Cristo, através dos impulsos de uma caridade continuamente operante” (XVIII CAPÍTULO GERAL CMF, *Documentos Capitulares*, Roma 1973, pp. 12-13).

¹⁵ Cf. PABLO VALLIER, *Prácticas espirituales para uso de los novicios de la Congregación de los Hijos del Inmaculado Corazón de María por disposición del Reverendísimo Padre José Xifré, superior general de la misma congregación*. Madrid, tipografía de Luís Aguado, 1888.

¹⁶ Cf. *Jo* 3, 16; *1 Cor* 12,31ss; *1 Jo* 4, 7-21. Na sua primeira encíclica, Bento XVI escreveu: “Acreditamos no amor de Deus: é assim que o cristão deve mostrar a opção fundamental da sua vida. A caminhada cristã não se inicia por uma decisão ética ou um grande ideal, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que abre um novo horizonte à vida e lhe confere uma orientação decisiva” (*DCE* 1).

UM NOVO NOME:

MISSIONÁRIOS FILHOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

34. Depois da primeira profissão, acrescentámos ao nosso nome a sigla CMF (*Cordis Mariae Filius*) (cf. *Dir* 25). Não é um pormenor de matiz externo. Mostra que a profissão inaugura em nós uma nova identidade¹⁷, que dá sentido a todas as demais: constitui para nós a maneira concreta de sermos homens, cristãos, religiosos, ministros ordenados e apóstolos (cf. *CC* 4, 159; *Dir* 24-26; *MCH* 132). O nosso nome carismático¹⁸ traduz a missão a que fomos chamados: ser os “braços” da Mulher que continua a vencer o dragão (cf. *Ap* 11,19 – 12,18), graças à Palavra de Deus, da qual somos ouvintes e servidores¹⁹.
35. O nome coloca em destaque a nossa condição de filhos e de irmãos. Consciencializa-nos de que somos pessoas amadas por Deus Pai e por Maria, nossa mãe no Espírito; pessoas chamadas a ser participantes da vida de Deus (cf. *Gn* 1,26); agraciadas pelo Espírito com as feições filiais e fraternas de Jesus: dignidade, liberdade, confiança, alegria, ternura, compaixão e solidariedade. *É essa realidade que nos permite fazer frente às dificuldades da nossa vida pessoal e comunitária e às que decorrem da missão, com indefectível esperança, e não como quem confia apenas nas forças, métodos e planos pessoais.*
36. Só alicerçados na experiência de filhos é que adquire sentido a doação especial ao Coração de Maria, nossa Mãe (cf. *CC* 8), que efectuamos na profissão religiosa: “Entrego-me ao especial serviço do Imaculado Coração de Maria, em ordem a atingir o objectivo para o qual esta Congregação foi instituída na Igreja” (*CC* 159; cf. *Dir* 32-34). Ser filhos do Imaculado Coração de Maria implica procurar sempre a glória de Deus, que quer que todos os seus filhos e filhas vivam com dignidade e em plenitude (cf. *CC* 2; *PTV* 8), em harmonia com todas as coisas criadas. *A nossa missão torna-se mais urgente, neste momento histórico em que se esconde ou se banaliza a Aliança de Deus com a humanidade, quando se calcam aos pés os direitos dos seus filhos mais débeis e se coloca em perigo a sobrevivência do planeta Terra.*

UMA NOVA FAMÍLIA:

A NOSSA CONGREGAÇÃO

37. Um Filho do Imaculado Coração de Maria não segue Jesus, como franco-atirador, mas como membro da Congregação, uma nova família carismática, suscitada na

¹⁷ Quando Jesus chama Cefas, atribui-lhe um novo nome, que é sinal da sua missão pessoal (cf. *Jo* 1,42). A mudança de nome acontece também com outras personagens bíblicas, chamadas a uma missão específica: Abrão-Abraão (cf. *Gn* 17,5), Sarai-Sara (cf. *Gn* 17,15), Jacob-Israel (cf. *Gn* 35,10).

¹⁸ O nosso nome oficial é “Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria” ou “Missionários Claretianos” (cf. *CC* 1; *Dir* 24).

¹⁹ S. ANTONIO M. CLARET, “Luces y gracias 1870”: *Autobiografía y Escritos Complementarios*, Buenos Aires 2008, p. 828. Cf. *CC* 46; *SP* 13.

Igreja pelo Espírito (cf. CC 4, 10). Porque somos filhos, somo-lo também irmãos, convocados para partilhar o mesmo projecto de vida evangélica. A graça, “que chegou até nós e nos congrega”, está destinada a ser “o princípio que organiza e articula todos os nossos ideais, aspirações e projectos” (cf. MCH 126,133). Por isso, embora vivamos fazendo parte de uma rede de pertenças múltiplas (familiares, sociais e eclesiais), a nossa pertença a Cristo, expressa na vocação que vivemos em comum na Congregação, tem prioridade sobre todas as demais.

38. A Congregação, portanto, não nos vincula a um contrato que possamos rescindir à vontade. Não se trata de uma associação, a que dedicamos parte do nosso tempo e energias. É uma nova família no Espírito, que não se baseia na carne e no sangue, mas no amor e na escuta, acolhimento e proclamação da Palavra de Deus (cf. Mt 12, 46-50; Jo 15,12). A nossa nova relação, a nossa vida comunitária, adquire significado e realiza-se na Eucaristia e alimenta-se com a oração, o estilo de vida familiar, a co-responsabilidade no governo e a colaboração na missão comum (cf. CC 12-13).
39. A Congregação é – como sublinha a nossa tradição – a “mãe Congregação”. Nutrimos para com ela sentimentos de gratidão, respeito, lealdade e dedicação. Causa-nos emoção constatar que “mãe” é o título mais usado pelos Mártires de Barbastro, quando citam a Congregação. Neles, como num ícone, brilham, juntos, todos os elementos substanciais que definem a nossa identidade: amor a Jesus Cristo, ao Coração de Maria e à Igreja, zelo missionário, devoção à Palavra e à Eucaristia, sentido comunitário, predilecção pelos pobres, etc.
40. A Congregação é formada por presbíteros, diáconos, irmãos e estudantes, que partilham todos a mesma vocação (cf. CC 7). Esta diversidade e complementaridade enriquece a nossa vida e missão (cf. SP 8; EMP 30); e compromete-nos a suscitar e a desenvolver todos estes itinerários vocacionais.
41. A Congregação possui hoje um rosto plural e está enriquecida por membros de diversos países, etnias, línguas e culturas. O desafio de viver a unidade na diversidade pode ser suplantado com esperança, se respondermos fielmente ao dom do amor de Deus e dos irmãos, que é a base da comunhão (cf. CC 10). Se avivarmos o fogo carismático que nos deu origem, poderemos manifestar e construir a comunidade mundial dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria. O Espírito, que distribui os seus dons e dá unidade ao que é diferente, irá fortalecendo os nossos vínculos e fará surgir um corpo novo. *Na nossa era de globalização e de exclusão, de ânsia de paz e de violência, a comunidade claretiana – na sua pequenez e fragilidade – pretende continuar a revelar-se um sinal vivo do Reino.*

UM NOVO ESTILO DE VIDA:

ARDER EM CARIDADE

42. O missionário é – na sua vocação mais específica – um homem “que arde em caridade” e que, portanto, “abrsa por donde passa”. A unção do Espírito equipa-nos para amar com zelo profético. O Espírito Santo, ao descer sobre os Apóstolos

no dia de Pentecostes, e ao aparecer sob a forma de línguas de fogo, mostrou-nos claramente esta verdade: um missionário apostólico deve ter o coração e a língua de fogo, como manifestações do amor (cf. *Aut* 440). Por isso, “a virtude mais necessária a um missionário apostólico é o amor. Deve amar a Deus, a Jesus Cristo, a Maria Santíssima e ao próximo. Se não possuir esse amor, todas as suas qualidades naturais se tornam inúteis; mas, se tiver um amor enorme, juntamente com os dotes pessoais, então nada lhe faltará” (*Aut* 438).

43. Na Definição do Missionário descobrimos a verdade do ser humano, na sua relação profunda com Deus: a salvação encontra-se em Deus que nos abraça totalmente. Quando entramos esta verdade, renunciamos a modelos individualistas e auto-suficientes de vida e abrimo-nos a novas formas de comunicação com Deus e com os outros. Como Missionários Filhos, o ponto de partida para uma espiritualidade consistente passa por nos conhecermos a nós próprios, por cultivar as bases humanas da nossa personalidade e desenvolver as qualidades pessoais. Trata-se, numa palavra, de “voltar a nascer” (cf. *Jo* 3, 3).

UM NOVO CAMINHO:

DISCÍPULOS DE JESUS, HOJE

44. Como os discípulos de Emaús, também nós podemos vencer a falta de entusiasmo e de zelo, quando deixamos que o Mestre nos acompanhe na caminhada da nossa vida missionária. Ele escuta as nossas frustrações e perguntas, e dá-nos o que necessitamos para avivar as brasas da vocação debilitada: A Palavra, “que inflama o coração”, e a Eucaristia, que “nos abre os olhos” (cf. *Lc* 24,31-45). Foi isso que experimentou o nosso Fundador. Na forja da meditação, dos exercícios espirituais e, sobretudo, da Sagrada Escritura e da Eucaristia, interpelado pela realidade social, política e eclesial, ele caldeou o seu coração no fogo do amor a Deus e a Maria (cf. *Aut* 227,342). Consciente de que o amor é um dom e uma decisão, Claret solicitou-o com veemência a Deus Pai (cf. *Aut* 444-445), a Jesus (cf. *Aut* 446), ao Espírito²⁰ e a Maria: “Oh Coração de Maria, forja e instrumento do amor, fazei-me arder no amor de Deus e do próximo!” (*Aut* 447).

²⁰ S. ANTONIO M. CLARET, “Notas Espirituales: Ofrecimiento a padecer”: *Autobiografía y Escritos Complementarios*, Buenos Aires 2008, pp. 770-771.

45. O fogo da nossa vocação mantém-se cálido através de um processo contínuo de aprofundamento, tanto no chamamento como na formação, a exemplo dos discípulos, até nos configurar com Cristo (cf. VC 65; PGF 12). O dom recebido permite-nos vencer as tentações, que são alimentadas por formas de pensar que favorecem a superficialidade, sobrevalorizam o prazer e reduzem a importância da abnegação e do sacrifício. Se contamos com a força do Espírito, no processo contínuo de formação, poderemos *derrotar a nossa infidelidade, avivar o entusiasmo do dom vocacional, ouvir as interpelações dos povos a quem servimos e, com eles, descobrir respostas criativas para as variadas carências do nosso mundo.*
46. Jesus é a paixão que nos incendeia (cf. CC 4) e o itinerário principal da nossa vida. Como Ele, buscamos a glória de Deus e a salvação de todo o ser humano, orando, trabalhando e sofrendo. A *oração* mantém ao rubro o nosso amor a Deus e aos irmãos²¹. O *trabalho* missionário revela esse amor e difunde-o. O *sofrimento* purifica-nos no fogo de Jesus, torna-nos solidários com os crucificados deste mundo e faz-nos credíveis. O facto de nos abrasarmos na oração, como Claret, incita-nos a trabalhar e a sofrer pelo Evangelho. Orientar-se por estes núcleos, ao longo de todo o itinerário vital e formativo, purifica as nossas motivações, ilumina-nos nas dúvidas e encaminha tudo o que somos e fazemos para a maior glória de e salvação das pessoas.

UM NOVO ENVIO:

INFLAMAR O MUNDO INTEIRO

47. Quem ama a Jesus sente-se amado pelo Pai²², transmite e manifesta o seu amor e produz muito fruto²³. O nosso Fundador, inflamado pelo zelo apostólico, “deseja e luta... para que Deus seja cada vez mais conhecido, amado e servido” (EE, p. 417; cf. Aut 233). O zelo de Claret, fruto da efusão do Espírito (cf. Rm 5,5; CC 39-40), não tem fronteiras: o seu espírito destina-se “ao mundo inteiro” (EC I, p. 305). Arder em caridade transforma-nos em homens de fogo para os demais, até abrasarmos por onde passarmos²⁴. É assim que participamos na missão que vem de Deus. Como Claret, também nós podemos exclaimar: “Caritas Christi urget nos” (2 Cor 5,14). Como a nossa Mãe, podemos proclamar sempre o Magníficat, porque irá cumprir-se o que o Senhor prometeu (cf. Lc 1, 45-55). *A missão que nos foi*

²¹ “Há já algum tempo que Deus Nosso Senhor, por sua infinita bondade, me tem comunicado muitos conhecimentos, quando estou em oração, como procurar sofrer para sua maior honra e glória, e para o bem das almas” (Aut 761).

²² “Se alguém me ama, guardará a minha Palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23)

²³ Cf. Jo 15,16-17: modelo joanino da missão.

²⁴ “Quando alguém se sente infinitamente amado, não consegue participar no mistério do Amor que se doa totalmente, mas limita-se a contemplá-lo de longe. É imprescindível deixar-se abrasar pelas chamas que consomem o holocausto e converter-se em amor ... Continuai a doar-vos ao mundo, sempre conscientes de que a única medida do amor é amar sem medida” (JOÃO PAULO II, *Mensagem dirigida ao Congresso Mundial da Vida Consagrada*, n.7, 26 de Novembro de 2004).

entregue nasce, pois, de uma experiência de amor, é alimentada quando se cultiva com assiduidade, exprime-se através do louvor e difunde-se por todo o mundo sob o signo da misericórdia e da proximidade, sobretudo, para com os pobres e excluídos.

48. O amor de Deus desperta em nós a *vontade* de o partilhar (cf. *EE*, p. 417). É preciso “inflamar todo o mundo no fogo do divino amor” e levar a Palavra de Deus até aos confins da terra. Este desejo, que é imprescindível a todo o processo de crescimento e de anúncio missionário, arrefece, porém, com facilidade. Daí que necessitemos de o aquecer assiduamente com a Palavra de fogo, que procede de Deus²⁵, e de o forjar na dura bigorna das lutas e contradições da vida apostólica. Não basta que a barra de ferro da nossa vida fique em brasa: é necessário que receba *marteladas*, “para que adquira o formato que o director idealizou” (*Aut* 342). Só quando ficarmos incandescentes e atingirmos a forma de Cristo, nos tornaremos audazes na missão, gozaremos nas privações, enfrentaremos os trabalhos, saborearemos os sacrifícios, sentiremos prazer nas calúnias, nos alegraremos nos tormentos e nos gloriaremos na cruz (cf. *CC* 39-45). *Necessitamos de uma firme determinação, que se obtém através da oração e se manifesta na acção* (cf. *Aut* 443), *para podermos levar de vencida a mediocridade, a preguiça e a desilusão.*
49. Quando toda a terra estiver abrasada, nós – colaboradores humildes d’Aquele que veio trazer o fogo (cf. *Lc* 12,49) – vamos descobrir o que já suspeitávamos: que o amor que nos seduz possui um nome divino e nunca é anónimo (cf. *Mt* 25,35-44); que tudo o que é humano e humaniza tem a ver com Deus. Quando o corpo se tornar mais frágil e a nossa capacidade de acção ficar reduzida, nós – que estamos ao serviço da Palavra, que não passa – continuaremos a ser missionários. Podemos, então, “gloriar-nos na cruz de Jesus Cristo” (*Gl* 6,14), como testemunhas credíveis do Fogo que se ateou em nós.
50. O amor missionário, que nos foi outorgado, é imaginativo e criador. Caldeados na forja do Coração de Maria, fixamos o nosso olhar naqueles que foram excluídos do amor dos demais e sofrem as terríveis consequências da injustiça²⁶. O amor ajuda-nos a aproximar-nos e a deter-nos perante eles, a deixar-nos tocar e a ser acompanhados por eles. *Esta convivência samaritana reacende o nosso fogo, inspira os nossos projectos e actividades transformadoras, e faz-nos – ao lado de tantos – anunciadores credenciados da presença do Reino de Deus.*

²⁵ Cf. *Jr* 5,14; 20,9.

²⁶ “O fogo do amor, que o Espírito infunde nos corações, impele-nos a questionarmo-nos constantemente sobre as necessidades da humanidade e sobre a maneira de lhes darmos resposta” (BENTO XVI, *Carta à Assembleia Plenária da CIVCSVA*, 27 Setembro 2005).

III

“A CARIDADE DE CRISTO NOS IMPELE” (2 COR 5,14)

PRIORIDADES

“O fogo da graça... acaba, com o tempo, por ficar encoberto pela cinza, que provém da frialdade da atmosfera do mundo que nos cerca, da nossa tibieza, da pouca convicção no trabalho, do receio das perseguições e da inconstância das nossas decisões. Esta cinza mantém adormecido, e quase morto, o fogo da caridade. É necessário, pois, espalhar as brasas, assoprar, colocar lenha, reavivá-lo e aumentá-lo. Para tal, temos de nos servir do fole e da acendalha da oração, da meditação, da leitura espiritual, da alegria, da vigilância de espírito, do estudo e de um maior empenhamento nas virtudes; temos de trabalhar, ter zelo e procurar, com maior diligência e fervor, a salvação das almas das pessoas que o Senhor nos confiou” (O Colegial Instruído, Livraria Religiosa, Barcelona, 1861, p. 7).

51. Ao verificarmos, à luz da Definição do Missionário, a situação do mundo, da Igreja, da Congregação e de nós mesmos, sentimos um forte apelo a descobrir que Jesus caminha a nosso lado, que devemos estar atentos à sua palavra, sentar-nos à sua mesa e, com o coração abrasado, regressarmos à comunidade, a fim de sermos enviados de novo (cf. Lc 24,13-35).
52. A Aliança que nos une a Deus Pai, manifestada na profissão que fazemos em comum, torna-nos co-responsáveis pelo fogo da Caridade, que desceu do céu e nos abrasa a todos. O Espírito estimula-nos a reavivá-lo, a expandi-lo e a transmiti-lo. Portanto, a Caridade incita-nos a:
- reavivar o Fogo, em cada um de nós;
 - ateá-lo nos demais;
 - comunicar esse Fogo às gerações futuras.

REAVIVAR EM NÓS O FOGO

“Reacende a graça que se encontra em ti... Deus não nos concedeu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de bom senso” (2 Tm 1, 6-7).

53. Sentimos que o Espírito nos dirige um apelo especial para vermos o mundo com os olhos de Deus, reforçarmos a dimensão teologal da nossa vida (cf. nn. 8-11), vivermos em formação contínua (nn. 12-15) e comprometer-nos de novo, a nível comunitário (nn. 16-17). Tudo isso nos impele a:
54. **Tratar, com especial cuidado, a dimensão teologal e mística da nossa vocação missionária**
- Para tal:
- 1) Esforçar-nos-emos para que cada um de nós dedique um lugar prioritário, na sua vida, à escuta atenta da Palavra, à digna celebração da Eucaristia, à oração quotidiana e à piedade cordimariana (cf. CC 33-38). Privilegiaremos igualmente o retiro mensal e os Exercícios Espirituais (cf. CC 52) e

trabalharemos para que a comunidade nos facilite, para tal, os ritmos e as condições indispensáveis.

- 2) Aproveitaremos os ritmos da vida comunitária, de modo a tirar o maior proveito possível da enriquecedora reflexão que a Congregação organiza sobre o carisma, tendo em conta os diversos contextos culturais. Apoiaremos a difusão e o conhecimento da sua história e das biografias dos Missionários que recordamos pelo seu estilo de vida modelar.
- 3) Favoreceremos a reflexão sobre o nosso património carismático, num clima de diálogo intercultural e inter-religioso, fomentando a sua adequada aplicação à vida diária e deixando-nos evangelizar pelo exemplo das pessoas a quem servimos.
- 4) Sensibilizar-nos-emos para o discernimento e apoiaremos a sua prática e apreço, como forma de conduzir e implementar todo o processo de decisão pessoal e comunitária (cf. SAO 20).
- 5) Potenciaremos o acompanhamento espiritual, como dinamismo de crescimento pessoal (cf. PTV 70,3).

55. Privilegiar os processos e as mediações que nos ajudem a viver todas as etapas e momentos da vida, numa atitude de conversão

Para tal:

- 1) Promoveremos, sobretudo nos Exercícios Espirituais anuais, a elaboração do projecto pessoal, para que cada um programe – em consonância com o projecto comunitário – os instrumentos de que lança mão na formação contínua e proceda à sua revisão periódica.
- 2) Lutaremos para que cada Missionário conceda à leitura e ao estudo o lugar que merece na sua vida (cf. CC 56), e que a comunidade propicie as condições e os meios para esse fim.
- 3) Celebraremos frequentemente o sacramento da reconciliação, que implica e pressupõe o espírito de uma permanente conversão (cf. CC 38).
- 4) Assumiremos o compromisso de aplicar o projecto “A ‘Frágua’ à vida quotidiana”, de maneira que, com o apoio do Governo Geral, as pessoas, comunidades e Organismos possam reviver a experiência do Fogo e crescer no ardor missionário.
- 5) Continuaremos a organizar iniciativas do tipo da “Frágua” e “Encontro com Claret”, para dar resposta às necessidades específicas de renovação dos que atingiram agora a meia-idade da vida e dos que querem aprofundar o conhecimento do Fundador.
- 6) Acompanharemos cada pessoa nas suas vicissitudes concretas, prestando atenção à sua idade, saúde, situações específicas ou destinos difíceis, etc.
- 7) Trataremos, com especial cuidado, o processo de inserção dos jovens missionários na vida provincial, durante os primeiros anos do ministério.
- 8) Organizaremos nas Províncias e Delegações, em diálogo com o Governo Geral, os planos de especialização e os períodos sabáticos, tendo em conta as urgências e as prioridades da Congregação.

56. Renovar a aliança, que nos configura como comunidade, fazendo uma opção pessoal por ela e estreitando os nossos laços de família

Para isso:

- 1) Vamos agradecer o dom da comunidade, como o espaço normal em que nos convertemos em irmãos (cf. VFC 11), e desenvolver as virtudes e atitudes que favorecem o crescimento da comunhão: humildade, sinceridade, correcção fraterna, reconciliação, estima mútua, interesse e preocupação pelos demais.
- 2) Transformaremos em lar as nossas comunidades e Organismos, cuidando expressamente dos espaços e momentos que favoreçam um acolhimento cálido, a comunicação mais profunda, a oração e o convívio comunitário.
- 3) Promoveremos nas nossas comunidades tempos que possibilitem a formação para a missão, a sua programação e avaliação.
- 4) Evitaremos todas as manifestações de individualismo que possam dividir ou destruir a comunidade.
- 5) Apoiaremos a animação da comunidade local, especialmente o trabalho do superior, responsabilizando-nos pela sua formação e procurando que todos assumam e entendam o serviço da autoridade (cf. SAO 12, 13).
- 6) Reflectiremos, como Congregação, sobre a identidade dos missionários presbíteros, diáconos e irmãos, no novo contexto humano e eclesiológico, e concretizaremos essa reflexão em propostas de vida e formação.
- 7) Fomentaremos a relação entre as diversas culturas presentes na Congregação, evitando o domínio de umas sobre outras e facilitando o conhecimento mútuo e a aquisição de instrumentos que favoreçam a convivência e a colaboração (cf. PTV 28).
- 8) Continuaremos a apreciar a riqueza que a inserção de claretianos de novos contextos culturais aduz à vida provincial e fomentaremos a inculturação do carisma claretiano (cf. PTV 27).

INFLAMAR OS DEMAIS

“Eu vim trazer o fogo à terra, e como gostaria que ele se tivesse já ateado!” (Lc 12, 49)

57. Sentimos um premente apelo do Espírito para tomarmos consciência de que somos enviados, de que devemos trabalhar apostolicamente de uma forma renovada, de que temos de ‘fazer com os outros’, criando redes, de que temos de inocular criatividade na nossa acção missionária e que devemos convidar os demais para seguir também esta vocação (cf. nn. 18-22). Isso impele-nos a:

58. Contemplar a missão, na óptica do amor, como “missio Dei”, “missio inter gentes” e missão partilhada

Para tal:

- 1) Queremos tomar consciência de que a nossa missão é uma jubilosa e grata colaboração com o Espírito, o verdadeiro responsável pela sua execução (*missio Dei*), e esforçar-nos-emos por viver desta mística.
- 2) Escolheremos como critério e chave de todos os nossos ministérios “diálogo de vida”²⁷, que tem sempre em conta os outros e a ninguém põe de lado

²⁷ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Diálogo e Anúncio*, n. 42, 1991; VC 102.

(mulheres ou homens, membros de uma confissão cristã ou de outra, de uma religião ou de outra, de uma cultura ou de outra) (*Missio inter gentes*).

- 3) Reafirmaremos, portanto, a opção congregacional pela solidariedade profética com os pobres, os excluídos e os ameaçados no direito à vida, de forma que isso tenha repercussões no nosso estilo de vida pessoal e comunitário, na nossa missão apostólica e nas nossas instituições (cf. *PTV* 40).
- 4) Intensificaremos o carácter prioritário da missão partilhada, sublinhado pelo XXIII Capítulo Geral (cf. *PTV* 37).

59. Fazer com que a Palavra de Deus dê consistência à nossa missão, em todas as suas expressões

Para isso:

- 1) Converteremos as nossas comunidades, centros formativos e posições apostólicas em “escolas da Palavra”, seguindo as orientações do Sínodo sobre a Palavra.
- 2) Empenhar-nos-emos em que a animação e a pastoral bíblica dinamizem as nossas instituições, as actividades apostólicas e a nossa evangelização.
- 3) Privilegiaremos o acompanhamento de itinerários de fé, baseados na Palavra de Deus, através dos Exercícios Espirituais e de outras iniciativas. Faremos com que a sua animação parta da comunidade e, a ser possível, se processe em equipa, e implique os nossos centros e casas de espiritualidade.

60. Potenciar, de forma significativa, a nossa entrega à evangelização das novas gerações e à pastoral vocacional

Para tal:

- 1) Efectuaremos uma profunda revisão e actualizaremos os nossos projectos pastorais, intensificando, através de medidas concretas, a atenção dedicada às crianças, adolescentes, jovens e respectivas famílias. Aproveitaremos ao máximo a nossa presença no campo da educação e daremos prioridade a alguns sectores, de acordo com o seu contexto: marginalizados, emigrantes, jovens adultos, voluntários, etc.
- 2) Fomentaremos em todos nós, salvaguardando o tipo de trabalho e a idade, a predisposição para escutar os jovens e nos encontrarmos com eles, e tornaremos mais acolhedoras as nossas comunidades e obras apostólicas.
- 3) Empenhar-nos-emos em desenvolver, nos nossos Organismos, comunidades e posições, uma verdadeira cultura vocacional (cf. *DVC* 55), proporcionando, de forma continuada, estímulos e recursos, a fim de converter a pastoral vocacional – levada a efeito, em missão partilhada – numa actividade unificadora da nossa missão (cf. *DVC* 65) e das comunidades cristãs que servimos.
- 4) Faremos um esforço gigante por incorporar os Missionários Irmãos nas equipas da Pastoral Vocacional.
- 5) Facultaremos iniciativas de formação à área da pastoral vocacional, realizadas em clave de missão partilhada, que possam orientar e dinamizar especialmente os processos da proposta, acompanhamento e discernimento vocacionais.

6) Acentuaremos a importância da pastoral infantil, juvenil e vocacional, na formação e quando se planificar o leque das especializações provinciais e a vida das comunidades.

7) Despertaremos nos demais a consciência de que “as nossas palavras e o estilo da nossa vida missionária constituem o melhor convite para responder à vocação do Senhor” (CC 58).

61. Ser criativos e conferir mais qualidade à nossa acção missionária

Para tal:

- 1) Esforçar-nos-emos por responder criativamente aos apelos que de que somos objecto (cf nn. 1-27), lançando mão dos meios mais oportunos e eficazes, tendo em linha de conta as circunstâncias da nossa missão, as urgências da mesma e a história e tradição da Congregação.
- 2) Secundaremos o testemunho que torna credível a nossa missão, através da coerência de vida e com o apoio das virtudes da humildade, da vida pobre e austera, da generosidade, da mansidão e do acolhimento cordial (cf. CC 39-45; Aut 340-453).
- 3) Favoreceremos a criação de equipas missionárias, especializadas, criativas e itinerantes, como um dos contributos específicos dados à nossa missão na Igreja.
- 4) Optaremos, como Congregação, pela utilização eficaz, metodológica, inovadora e articulada das tecnologias da informação e comunicação, como instrumentos privilegiados de evangelização, e continuaremos a explorar e a aproveitar as potencialidades que nos oferecem os meios de comunicação social.
- 5) Prosseguiremos na realização de encontros e simpósios congregacionais, que contribuam para uma reflexão séria, a fim de dar resposta aos desafios que a evangelização nos lança.
- 6) Manteremos o trabalho qualificado que a Congregação está a desenvolver no âmbito da vida consagrada, em múltiplos e diversos contextos.
- 7) Potenciaremos o serviço de qualidade que levamos a cabo na área da justiça, da paz e da integridade da criação.
- 8) Implementaremos medidas que favoreçam o funcionamento da Procuradoria Geral das Missões, dotando-a de mais pessoal e melhorando as suas estruturas.

TRANSMITIR O FOGO ÀS GERAÇÕES FUTURAS

“Derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura. Os vossos filhos e as vossas filhas hão-de profetizar; os vossos jovens terão visões e os vossos velhos terão sonhos” (Jl 3, 1; Act 2,17)

62. Sentimos igualmente o apelo do Espírito, a fim de manter a Congregação disponível e ágil para o serviço da Igreja e da humanidade, e para transmitir às gerações futuras o dom vocacional que nos foi outorgado. Por isso, queremos emprestar mais qualidade à formação inicial (cf. nn.12-15) e descobrir formas de

organização e de economia que possam responder melhor às novas exigências da formação e da missão (cf. nn.23-27). Todo isso nos incita a:

63. Melhorar os processos de formação inicial, cuidando especialmente da preparação e da dedicação dos formadores

Para tal:

- 1) Privilegiaremos, nos processos da formação inicial, a interiorização dos valores fundamentais da nossa vida consagrada, dando a primazia ao acompanhamento pessoal dos formandos e animando-os a enveredar por um diálogo transparente sobre várias dimensões da sua vida.
- 2) Consciencializar-nos-emos de que, “pela sua extraordinária importância”, a responsabilidade da formação diz respeito a todos (cf. CC 76), e tentaremos vincar os seus objectivos, através da nossa coerência de vida.
- 3) Esforçar-nos-emos por melhorar a formação dos formadores, dando um maior impulso à “Escola Coração de Maria” e desenvolvendo outras iniciativas, contando com a preciosa ajuda dos nossos Centros Superiores de Estudos e utilizando a formação *on-line*.
- 4) Facilitaremos aos formadores os meios e materiais que necessitem, esperando que se consagrem ao seu trabalho sem quaisquer reservas e possam executá-lo com toda a solicitude (cf. CC 77).
- 5) Continuaremos a apoiar a criação e a consolidação dos centros formativos interculturais, em todos os continentes, a elaboração dos seus paradigmas de funcionamento e a plural composição das suas equipas formativas.
- 6) Forneceremos um impulso visível à aprendizagem das línguas, nos nossos centros formativos.

64. Dar continuidade aos processos de revisão de posições e à reorganização dos Organismos e fomentar o sentido de pertença congregacional

Para isso:

- 1) Avançaremos, com o acompanhamento e o apoio do Governo Geral, no caminho já encetado da reestruturação dos Organismos.
- 2) Elaboraremos cada processo de reorganização, partindo de um projecto missionário que vise dar resposta aos desafios evangelizadores da zona e tenha na devida conta as suas características culturais.
- 3) Levaremos a cabo a avaliação das experiências de reorganização já realizadas, que possa vir a enriquecer os processos que se encontram em marcha ou estejam apenas em perspectiva.
- 4) Favoreceremos os processos de revisão de posições, que nos permitam distribuir adequadamente as nossas forças, melhorar a qualidade da nossa forma de estar presentes nos diversos lugares e responder, com criatividade, a novos desafios missionários.
- 5) Analisaremos o funcionamento das Conferências Interprovinciais, potenciando os seus elementos positivos e tentando corrigir as suas eventuais deficiências.
- 6) Cultivaremos, em cada um dos Claretianos, o sentido da disponibilidade missionária (cf. CC 11, 48) e da pertença congregacional, procurando obter

uma visão mais universal que se não preocupe apenas com os seus Organismos (cf. n. 24).

65. Intensificar a vivência pessoal e comunitária da pobreza, a comunhão de bens e a gestão coordenada dos recursos da Congregação

Para tal:

- 1) Incentivaremos a fidelidade vocacional, pessoal e comunitária, à pobreza apostólica, de modo que o nosso uso dos bens se distinga pela austeridade, solidariedade, laboriosidade e transparência.
- 2) Incrementaremos a comunhão de bens, a todos os níveis: da pessoa para a comunidade, desta para o Organismo e deste para o resto da Congregação, em atitude de abertura solidária com os pobres, ao serviço da causa da justiça.
- 3) Estimularemos o controlo efectivo da gestão dos bens da Congregação, em cada um dos Organismos, utilizando, entre outros meios, o das visitas canónicas.
- 4) Cuidaremos da formação dos ecónomos e administradores, em contabilidade e em critérios congregacionais de pobreza e gestão, aproveitando todos os recursos possíveis (elaboração de um manual, cursos, página *web*, etc.).
- 5) Melhoraremos a gestão e a coordenação da economia das comunidades e dos Organismos, recorrendo, quando for necessário, a assessores externos.
- 6) Estudaremos as medidas a adoptar para coordenar melhor a utilização dos recursos da Congregação e o património ocioso que possa existir nos Organismos, aproveitando, entre outros meios, as potencialidades que oferece o *Fundus*, de acordo com as necessidades da missão e a formação, em toda a Congregação.
- 7) Continuaremos a estudar qual o melhor tipo de cobertura sanitária que se pode dispensar aos membros da Congregação que dela carecem.
- 8) Instaremos e ajudaremos os Organismos, que necessitem de ajuda, a preparar e a pôr em prática planos de desenvolvimento económico, que os levem a atingir o auto-financiamento (cf. *PTV 76,4*). Estes processos vão requerer um acompanhamento por parte do Governo Geral.
- 9) Forneceremos apoio a programas e projectos de economia solidária (banca ética, consumo responsável, comércio justo), convidando as comunidades cristãs a aderir a eles, através do exemplo dado por nós e pelas nossas instituições.

INDICE

INTRODUÇÃO.....	01
I. OS APELOS DE DEUS	02
No nosso mundo.....	02
Na Igreja.....	05
Na Congregação.....	06
1) Chamados a consolidar a dimensão teologal da nossa vida	07
2) Chamados a viver em formação constante	07
3) Chamados a comprometer-nos de novo com a comunidade.....	08
4) Chamados a convidar os demais a serem fiéis à vocação	09
5) Chamados a trabalhar apostolicamente, de uma forma renovada	09
6) Chamados a prosseguir na revisão periódica da nossa organização.....	10
7) Chamados a instalar a comunhão no novo modelo económico.....	11
II. O FOGO QUE NOS ABRASA	13
Um novo nome: Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria	15
Uma nova família: A nossa Congregação	15
Um novo estilo de vida: Arder em caridade	16
Um novo caminho: Discípulos de Jesus, hoje.....	17
Um novo envio: Inflamar o mundo inteiro	18
III. “A CARIDADE DE CRISTO NOS IMPELE” (2 Cor 5,14). PRIORIDADES.....	20
Reavivar em nós o Fogo.....	20
1) Tratar, com especial cuidado, a dimensão teologal e mística da nossa vocação missionária.....	20
2) Privilegiar os processos e mediações que nos ajudem a viver todas as etapas e momentos da vida, numa atitude de conversão	21
3) Renovar a aliança que nos configura como comunidade, fazendo uma opção pessoal por ela y estreitando os nossos laços de família.....	22
Inflamar os demais.....	22
1) Contemplar a missão, na óptica do amor, como “missio Dei”, “missio inter gentes” e missão partilhada.....	22
2) Fazer com que a Palavra de Deus dê consistência à nossa missão, em todas as suas expressões	23
3) Potenciar, de forma significativa, a nossa dedicação à evangelização das novas gerações e à pastoral vocacional.....	23
4) Ser criativos e conferir mais qualidade à nossa acção missionária	24
Transmitir o Fogo às gerações futuras	24
1) Melhorar os processos de formação inicial, cuidando especialmente da preparação e dedicação dos formadores	25
2) Dar continuidade aos processos de revisão de posições e à reorganização Organismos e fomentar o sentido de pertença congregacional.....	25
3) Intensificar a vivência pessoal e comunitária da pobreza, a comunhão de bens e a gestão coordenada dos recursos da Congregação.....	26

SIGLAS

Aut	Autobiografia de Santo António Maria Claret
CC	Constituições CMF
CdC	Instrução “Caminhar a partir de Cristo” (2002)
CdIC	Catecismo da Igreja Católica
DCE	Encíclica “Deus Caritas est” (2005)
Dir	Directório CMF
DVC	Directório Vocacional Claretiano (2000)
EC	Epistolário Claretiano
EE	Escritos Espirituais
EMP	Em Missão Profética (1997)
EN	Exortação “Evangelii Nuntiandi” (1975)
GS	Constituição “Gaudium et Spes”
MCH	A Missão do Claretiano, hoje (1979)
NMI	Carta apostólica “Novo Millennio Ineunte” (2001)
PGF	Plano Geral de Formação (1994)
PTV	Para que tenham vida (2003)
SAO	Instrução “O Serviço da Autoridade e a Obediência” (2008)
SP	Servidores da Palavra (1991)
SRS	Encíclica “Sollicitudo Rei Socialis” (1987)
VC	Exortação “Vita Consecrata” (1996)
VFC	Instrução “Vida Fraterna em Comunidade” (1994)